



Sandra Cunha

O Mundo e Eu

Poesias


PoD
editora

Sandra Cunha

O mundo e Eu

Poesias



O mundo e eu. Poesias
Copyright © 2017, Sandra Cunha

Todos os direitos são reservados no Brasil



A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo contido na sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA que declara sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

Impressão e Acabamento:

Pod Editora
Rua Imperatriz Leopoldina, 8/1110 – Pça Tiradentes
Centro – 20060-030 – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
www.podeditora.com.br

Projeto gráfico:

Pod Editora

Revisão:

Pod Editora

Imagem de capa:

www.pixabay.com

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C98m

Cunha, Sandra
O mundo e eu: poesias / Sandra Cunha. 1ª ed. – Rio de Janeiro: PoD, 2017.
74p: il.; 21cm
Inclui índice

ISBN 978-85-8225-152-2

1. Poesia brasileira. I. Título.

17-45537

CDD: 869.1

CDU: 821.134.3(81)-1

19.10.17

20.10.17

Prefácio

O (uni)verso (in)sondável de “O Mundo e Eu”

A poesia de Sandra Cunha revela toda a incomensurável sensibilidade que habita o ser humano. A lavra literária dessa poetisa trás o que de mais genuíno representa a vida, a dualidade e os paradoxos inerentes à existência, recheada de diferenças, discrepâncias, belezas, sofrimentos, dualidades, alegrias, dores, gozos...

Os poemas de “O mundo e eu” são urdidos numa teia curiosa e inteligente construída, amparados por metáforas que enriquecem a obra. A um só tempo, a poesia aqui revelada é forte e suave, dura e leve, é árdua e branda, a mostrar como é a própria relação do humano com a vida, pois nos caminhos onde todos trilham encontramos a ambiguidade inerente aos trajetos, assim “esse mundo de ambiguidade” que na “cabeça flui”, como escreveu a poetisa. “Nos caminhos sinuosos da vida, sem voltas, apenas com idas, pedras? Plantei, e solidão colhi. Espinhos? Adubei, e ingratidão recebi”.

Mesmo denunciando todas as dificuldades inerentes do existir, que alcançam a todos, independentes de raça, credo, condição social, etc., também é possível irrigar a terra e fazê-la fértil, “retirar o joio e colher somente o trigo”. Essa é a poesia de Sandra Cunha, dura como a vida, sensível como o coração. Esse é “O Mundo e Eu”, espelhando uma poetisa, espelhando um mundo, espelhando-se no outro: “meus olhos insistem em ver, que tudo que existe no outro convergem também para meu ser.”

São poemas como Colcha de Retalhos que também exprimem o desabar de sentimentos da autora, como um rio tornando em luz, mas sem sensacionalismo ou emoções triviais, o que endossa a sua qualidade literária: “Fiz da vida grande colcha de retalhos, com caminhos percorridos e os muitos atalhos estampados com as cores da emoção, depois emendado de porção em porção. É em “Colcha de Retalhos” que a poetisa desnuda toda a sua sensibilidade e imensa envergadura poética, falando dos retalhos, das estampas que compõe a colcha, esbaldando-se das metáforas e preenchendo de alegria e encanto os corações dos leitores! “As estampas azuis são as minha preferidas, calma de agora e da infância esquecida, o branco é a paz do meu coração, que visita as estampas em cada fração. Onde ficam as estampas das muitas tristezas, querendo que essa colcha perca a beleza? “Está guardado no avesso da colcha de retalho, como um solitário coringa das cartas de baralho”.

E assim, Sandra Cunha cai urdindo e tecendo o verso, seu universo, tão insondável e ao mesmo tempo ecoado de sons replicados do íntimo de seu ser. A poetisa não economiza ensinamentos nesta sua viagem ao mundo e ao eu, em cada estação representada por todos os seus poemas, cumpre o itinerário do poeta grego de nome Horácio que recomenda ensinar e deleitar o leitor.

As dualidades da existência não desanimam a poetisa porque depois da chuva vem o “tesouro da criança perdida”, o arco íris e “a folia das gotas lá fora é o cenário perfeito para sonhar”. Porque a “vida eu não vivi em versos, narrativas de conquistas e fracassos (...), mas a teima transformou minhas vidas em versos, reciclando

sentimentos, que cresceram e transbordaram”. “Que grande asa abriu e voou, e nestas poucas linhas pousou e falou: - Hoje sua vida se transformou em versos!”

“Sandra Cunha mesmo em momentos de tristeza, na produção do capital transformando”. Uma poetisa que se preze, mesmo diante de todas as diversidades do mundo, e das dificuldades de ser e existir inerente a todos, jamais deixa de sonhar, como no poema dos “Sonhos”, “pois triste é viver sem sonhar”.

Poemas como “Missão”, “O Mundo Moderno”, “O Mundo de Helena” e uma porção de outros (para não dizer todos) são de beleza profundamente ímpares, mostrando a identidade e o amadurecimento poético de uma escritora de elevado quilate! Enfim, trata-se de uma poetisa que “viveu a vida plantando sonhos, caçando borboletas e regando flores, deixando a batalha travada lá fora, e assim a dor do dia sai e vai embora” (poema “Vida”).

Prezada Sandra, que grande poetisa tu és! Parabéns por nos brindar com teus versos, o grande, inesgotável e insondável verso, a estória de todos, de cada eu, de cada nós, do universo!

Goiânia, 09 de junho de 2017.

Frederico Luís Domingues Bitencourt

Poeta, advogado, professor universitário, Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás

Apresentação

“O Mundo e Eu” são poesias que foram escritas ao longo de 33 anos.

Quando a experiência vivida latejava em meu coração e eu não encontrava palavras para dizer o que estava sentindo, a expressão escrita lançava palavras que dançavam em folhas de papel formando frases esquisitas que, anos depois chamaram de poesias.

Esta explosão de sentimentos aconteceu aos 21 anos de idade com o nascimento de meu primeiro filho, e assim todas as vezes que os sentimentos fazem folia em meu coração busco a companhia do papel e da caneta para externar as emoções contidas em meu peito.

Quando desvendo o que sinto através das palavras meu peito se acalma e tudo passa a ter sentido até as coisas sem sentido.

O que compartilho com vocês é o que sinto quando vivo intensamente e o que sinto só se transforma em poesia quando você, leitor, se envolve comigo neste sentimento.

Os meus versos não aprenderam a literatura acadêmica, os meus versos só falam das experiências cotidianas de uma mulher comum com janelas nos olhos, coração na cabeça e o cérebro nos dedos.

Sumário

Prefácio	5
Apresentação	9
Andei como andei.....	13
A vida e o tempo.....	14
A vingança do trabalhador	15
ABC.....	17
Agradecimento	19
Aline Beatriz.....	21
Andanças.....	22
Colcha de Retalho.....	24
Chuva	25
Descritiva Vida	26
Emoções.....	27
Essa sou eu.....	28
Fada cáustica	29
O nascer de um anjo.....	30
Há muito tempo atrás	31
Ilusões	33
Meu velho e amigo pai	34
Meus pensamentos	36
Lembranças da meninice.....	37
Tristeza.....	40
Missão.....	41
Mudanças	42
Mundo moderno	43
O mundo de Helena.....	44
O despertar de Pedro	45
Partilha.....	47

Primogênito	48
Pensamentos meus	49
O apito do trem	50
Porto seguro	52
Quem sou eu	54
Renovação	55
Separação	56
Sonhos	57
Vida	58
Viagem	59
24 anos de Laurinha	60
Pensando o cotidiano	62
Naturalmente dependente	63
Paz Educa - Ação.....	64
Escolhas	65
Existência	66
Vivência.....	67
Maternidade bíblica	68
Rafaela	70
Maturidade	71
Aposentar-se	72
Mudança de vidas.....	73
Casa da vó.....	74

Andei como andei...

Andei como andei e cansei
Quando de casa sai
Amores, ódio vividos
Sentimentos que conheci

Andei, como andei e cansei

A vida feita de sonhos
Em um instante se foi
Chegando a realidade
Aos 20 anos de idade

Andei, como andei e cansei

De tudo que um dia eu quis:
Desejos? Não realizados
Os sonhos? Todos frustrados
Vontade que nunca fiz

Andei, como andei e cansei

Andante em terras distantes
Pelo mundo sempre a vagar
Procuro hoje um motivo
Para continuar a sonhar

Andei, como andei e voltei

A vida e o tempo

Nos atropelos da vida
Correndo sempre vivi
Travando grandes batalhas
Das quais jamais esqueci.

Semei, plantei e colhi
Às vezes pedras e espinhos.
Outras amor e carinho
sentimentos que eu escolhi.

Nos caminhos sinuosos da vida
Sem voltas, apenas com idas
Pedras? Plantei, e solidão colhi
Espinhos? Adubei, e ingratidão recebi.

Mas também plantei flores
e colhi vários amores
A terra fértil do tempo que eu sempre irrigo
Aprendi a retirar o joio e colher apenas o trigo.

A vingança do trabalhador

Da janela do apartamento
Vejo a cidade cimento
Com sua fumaça no ar
Homens chegando apressados
Nas fábricas pra trabalhar
Seu uniforme comum
Indica a direção
Da mão de obra barata
Que sofre a exploração
Do capital, o dinheiro
Lucro sem proporção
Vive das mazelas humanas
Sem pudor, sem preocupação
E essa triste mão de obra
É produzida de sobra
Como massa de manobra
Que facilita essa tal
Mais valia e capital
Como soldados pra morte
Eles se deixam abater
Pois seus filhos em casa
Esperam para comer
Capitalismo selvagem
Demônio impiedoso
Bate em mim sentimento
Fantástico e muito gostoso
Esse mau da humanidade
Um dia terá o seu fim

Porque verá simplesmente
Que teu filho carente
Hoje deixou de ser gente
Sugaram também sua mente.
Capitalismo selvagem
Demônio impiedoso
Feito veneno letal
Gás Sarin, gás fatal.

ABC

Aos sete anos de idade
Foi quando para escola fui
Um mundo de ambiguidade
Em minha cabeça flui.

Tantas foram as descobertas
Um novo mundo se apresenta
Pesos e medidas certas
Nomes que afugentam.

Era chamada de gorda
Caolha e coisas assim
Foram tantos apelidos
Que colocaram em mim.

Tudo que eu mais queria
Era uma amiga ganhar
Quando chegava à escola
Só fazia apanhar.

Não levava lancheira
Para mais zombaria
Só um pão com manteiga
Comprado na padaria.

Minha professora Isaura
com muita delicadeza
batia em minha cabeça
sem me dar nenhuma moleza.

Aos sete anos de idade
Aprendi que o amor mais profundo
É só da nossa família
Maior que o próprio mundo.

Fui criança educada
E muito inteligente
Mas isso não era o bastante
Para viver como gente.

Em tudo agradeço ao meu pai
Que sonhava e tinha esperança
De um mundo muito perfeito
Destinado a toda criança.

Mamãe também agradeço
Por tudo que aprendi
Filha não dependa dos outros
Para ter orgulho de si.

Foram anos de convivência
E de muita limitação
Que venci com paciência
E resignação.

Por isso, brado esse cântico
Gritando ao infinito
Não há nada na escola
De romântico e bonito.

Pais amem seus filhos
Essa é a diferença
Que fez de mim gente boa
Sem nenhuma desavença.

Agradecimento

Hoje enquanto amanhecia
Acreditei que seria
Como qualquer outro dia:
Triste melancolia;
Coisas a fazer
Nada a acontecer
Ocupações
Desilusões
Sem emoções
Errei, me enganei. Esqueci
E neste momento insano
Não considerei você querido mano
Como quem colocaria
Um pouco mais de alegria
Neste meu pobre dia.
Ah! O domingo, num sopro passou
E em minha memória ficou
Momentos e cenas de um dia
Que eu jamais esqueceria
Conversas sem importância
Lembranças de uma infância
Que o corpo não retrata mais
Na mesa arroz com feijão
No rádio aquela canção
Nos olhos há muita emoção
Trazendo de volta meu dia
Levando embora a melancolia
Enfim, a noite chegou
E meu domingo acabou

Resgatei a identidade
Que perdemos com a idade
No vai e vem dessa vida
Voltei à infância querida
Que num canto ficou esquecida
Muito obrigado, meu mano,
te amo, te amo, te amo.

Aline Beatriz

Foi entrando em fevereiro
De maneira sem igual
Que você chegou ao mundo
Bem no mês de Carnaval
Na porta da Santa Casa
A confusão foi geral
O seu pai roia unha
Sua avó rezava terço
E sua mãe passava mal
Eu me lembro como hoje
Quando foi apresentada
Os cabelos cacheados
Pareciam serpentinas
Atiradas no salão
Por Pierrô à Colombina
Ah, minha doce e amada menina!
Foram tantos planos traçados
Uns tantos realizados
E muitos outros abandonados
Guarde bem em sua mente
Você foi um de meus melhores presentes
Quisera não ter sido tão ausente
E me faltar dessa sua graça
Que me faz tão feliz
Minha amada afilhada
ALINE BEATRIZ.



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro, é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844

2017